

PROFESSOR EDVINO RABUSKE:  
RECORDAÇÃO DE UMA PRESENÇA\*

Jaime John\*\*

Uma das mais consoladoras percepções da finitude da existência humana é que seus eventos, não obstante a sua transitoriedade, sejam, contudo, perpetuados em idéia. E que se alcance algo como “idéia” acerca dos fenômenos do mundo, dentre eles o próprio homem, parece constituir, mais do que o seu paradoxo indica, não apenas uma possibilidade existencial humana como acima de tudo a garantia de não se ter passado em vão a brevidade da existência. Assim, o homem é um fenômeno demasiadamente grande para ser ignorado e excessivamente nobre para ser relegado a uma insipiente transitoriedade empírica. Que tenha sido esta uma posição não apenas teórica, mas também existencial do saudoso Professor Rabuske, cujo recente passamento ainda ecoa em nossa memória, merece aqui ser evidenciado bem como explicitado a partir de uma marcante experiência acadêmica do autor da presente crônica.

Era março de 1980, na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Viamão. À espera do início da aula do semestre, alguns alunos à entrada da porta da sala avistaram a chegada, pelo corredor, do que presumíamos vir a ser o professor de Antropologia Filosófica. O andar decidido em direção à sala não deixava dúvidas; uma pasta de certo volume, um olhar um tanto prescrutador

\* Prof. Dr. Edvino Aloísio Rabuske nasceu em 1.11.1932, em São Paulo das Missões, RS. Depois de seus estudos em Salvador do Sul, RS, cursou, sucessivamente, Letras Clássicas, Filosofia e Teologia em São Leopoldo. Em 1961, licenciou-se em Filosofia na UFRGS. De 1971 a 1977, com um ano de interrupção em 1974, realizou o doutorado na Ludwig-Maximilians-Universität, em Munique (Alemanha), sob a orientação do Prof. Dr. Hermann Krings (1913-2004). Na capital da Baviera, foi fortemente influenciado pelo neotomismo transcendental. A tese de doutorado, defendida em 1977, intitulou-se: *Geschichte und Wahrheit: eine Auseinandersetzung mit Karl Jaspers* (História e verdade: uma discussão com Karl Jaspers).

De 1978 a 2000, lecionou no Departamento de Filosofia da PUCRS, tendo sido também coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia; na FAFIMC, em Viamão, lecionou a partir de 1979. Faleceu no dia 3 de outubro de 2004, com 71 anos. Entre suas publicações, figuram: *Antropologia filosófica* (Porto Alegre, EST, 1981; Petrópolis, Vozes, 1986), *Epistemologia das ciências humanas* (Caxias do Sul, EDUCS, 1987), *Filosofia da linguagem e religião* (Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994).

\*\* Professor de Filosofia da FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande).

e por baixo, assim se aproximava aquele que nos vinha dar aula a partir daquele dia. E veio. Começou falando do homem. Nada disse de antemão, apenas o dedo erguido, em riste, e a primeira palavra, rompendo o silêncio e a expectativa. De fato, a primeira palavra foi “o homem...”, como não poderia deixar de ser, dada a índole de quem a proferiu, cujo contorno veio gradativamente a delinear-se para nós. Começou falando do homem, numa perspectiva antropológica, isto é, com uma abordagem que tem na ciência do homem o seu ponto de partida. Não pretendia evocar, desde o primeiro momento, uma visão rapsódico-empírica, nem tampouco uma especulativo-indeterminada. Pretendia, com a convicção de quem experimenta o desafio inerente à questão, obter um conceito acerca do homem que resultasse de uma síntese compatível entre as conquistas historicamente construídas pelo pensamento filosófico e as recentes descobertas das ciências biológicas. Assim se resumia a sua pretensão: um objeto de estudo, um método de abordagem e um propósito em vista.

À época, o Professor Rabuske empreendeu nova ruptura paradigmática com as abordagens em voga no estudo do homem na Faculdade de Filosofia de Vião. Predominava uma visão escolástica que progressivamente perdia terreno para concepções oriundas da filosofia existencialista. Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel tinham quem os conhecesse muito bem e incentivasse a sua leitura junto aos alunos! A galeria se ampliava quando se tratava da ontologia, da ética e da história da filosofia, mas não ultrapassava o limite destas disciplinas. Com referência à antropologia filosófica, o rol de autores continuava, até então, bastante restrito. Foi com o Professor Rabuske que se ampliou o estudo de autores relativamente ao homem. Ouvir falar de Arnold Gehlen, Helmuth Plessner, Konrad Lorenz e de Max Scheler, não necessariamente nesta ordem (1), foi uma inovação irreversível. Era uma antropologia num mundo transformado, para o qual, com seus novos tempos, impunham-se uma nova postura filosófica e novas respostas. A emergência de um novo paradigma no estudo do homem já havia eclodido com a marcante e monumental obra de Walter Schulz (*Philosophie in der veränderten Welt*, Pfullingen, 1972), de cuja fonte o inesquecível Professor Rabuske buscava a inspiração para a sua abordagem. Inspiração esta certamente não consistente nas informações hauridas da obra de Schulz, mas da atitude deste autor em obter, mediante o concurso das mais diferentes correntes de estudo, uma visão geral do homem. O nosso professor, a exemplo desta isenção de preferência, deixou a marca desta busca de horizonte ampliado na compreensão do homem, observado que não basta a quantidade de informações acerca deste objeto de estudo, fazendo-se necessária uma síntese das mesmas numa perspectiva simultaneamente ampla e crítica. Que, por outro lado, a obra de Emerich Coreth, em sua tentativa de conciliar antropologia (*Was ist der Mensch?*, Innsbruck, 1973) e ontologia/metafísica (*Metaphysik*, Innsbruck, 1961), tenha exercido grande influência epistemológico-didática em nosso professor parece atualmente muito plausível.

O produto deste labor não se fez esperar. Além do interesse que suas preleções despertaram, as mesmas serviram de ensejo para ensaiar um esboço preliminar que veio a constituir-se, em breve tempo, na significativa publicação de *Antropologia Filosófica*. Ainda me persiste na memória ter observado que em cada encontro daquele ano letivo o assunto abordado estava detalhadamente preparado numa ou mais folhas datilografadas, algumas das quais continham inclusive anotações manuscritas, à margem ou nas entrelinhas do referido texto. Como se depreende, este material, de acordo com a receptividade da discussão coletiva e após intermináveis revisões das anotações posteriores a cada exposição oral em sala de aula, moldou finalmente o rascunho para a correspondente publicação. Ocorre-me que estas "preleções com colóquio", como bem pode(ria)m ser denominadas, tinham um ar professoral, não sendo admitidas intervenções antes de estar o assunto exposto. No colóquio subsequente, vez que outra surgia alguma objeção e eis que diante da menção, por parte de um aluno, de um exemplo empírico que se contrapunha ao exposto, obtive do professor a seguinte desafiadora resposta: "faça-me de seu caso particular uma teoria e a contraponha à minha; uma teoria só pode ser derrubada por uma outra, não por um caso empírico"! Nada mais pedagógico para acostumar-se a proceder de acordo com a propriedade científica que a antropologia pretendida pelo nosso professor exigia!

Assim começou uma trajetória docente após o retorno do doutorado na Alemanha, com o firme propósito de ser marcada pela inovação metodológica e com o aporte de novas e recentes perspectivas ainda desconhecidas entre nós na ocasião. Não havia um só aluno que duvidasse da competência intelectual de nosso professor, não obstante o mesmo, por vezes, encontrasse dificuldades em fazer-se entender em suas exposições. Que a mediação professor-aluno se tornasse esporadicamente tensa se depreende da firmeza de posição de seu ator, convencido, certamente, que uma concepção resultante de anos intermináveis de investigação não poderia ser objeto fácil de gratuita contestação. E nisto há seguramente um grande mérito por parte do professor em questão.

Em resumo, fato é que do Professor Rabuske se pode dizer ser ele, hoje, mais do que uma lembrança, uma presença. Uma presença em idéia que persiste íntegra no tempo e cujo exemplo de dedicação apaixonada pela ciência não pode jamais ser esquecido por quem o vivenciou proximamente. As idéias de alguém podem ser certamente facilmente aprendidas, inclusive obtidas de diversos modos, como também através de outros meios; mas o exemplo vivo de alguém só este próprio pode dá-lo e nisto efetivamente reside por excelência o seu valor.